
**CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES DO 1º AO 5º ANO DE UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE PARANAÍTA – MT E O IMPACTO DESTAS NA SAÚDE DOS
REFERIDOS PROFISSIONAIS**

**CONDITIONS OF WORK OF TEACHERS OF THE 1ST TO THE 5TH ANNIVERSARY
OF A MUNICIPAL SCHOOL OF PARANAÍTA - MT AND THE IMPACT OF THOSE IN
THE HEALTH OF THE PROFESSIONAL REFERENTS**

Eunice Brito de SOUZA¹, Marilaine de Castro Pereira MARQUES², Sidney da Silva CHAVES³

Recebido em 20 de maio 2019; Aceito em 31 de junho de 2019; Disponível *on line* em 15 de julho de 2019

Resumo: A maioria dos professores passam mais tempo na escola do que em suas casas. Quando esses docentes enfrentam situações negativas nesse ambiente de trabalho que causam traumas na saúde física e mental, tais como pressões psicológicas por períodos prolongados, conflitos, falta de apoio da gestão e dos colegas, bem como precárias condições laborais, poderão ser acometidos por um fenômeno intitulado de mal-estar docente. Foi diante dessa realidade, que a presente investigação teve por objetivo geral pesquisar como os professores do 1º ao 5º ano de uma Escola Municipal de Paranaíta - MT concebem o impacto das condições de trabalho na saúde. Desenvolveu-se a pesquisa de fevereiro a novembro de 2018 sob a abordagem da pesquisa qualitativa e o instrumento de coleta de dados foi o questionário. Os professores pesquisados, mesmo de forma velada, admitiram encontrar algumas dificuldades no ambiente escolar para desenvolvem seus trabalhos. Eles fizeram pouca associação entre condições de trabalho e saúde, contudo declararam que se afastaram da escola por atestados médicos diversas vezes. Também admitiram sofrer desgaste emocional devido à falta de apoio dos governantes e da família, decorrente da indisciplina e da falta de interesse dos alunos. Os resultados desta pesquisa poderão ser relevantes para alertar professores, gestores, instituições de formação de professores, os sindicatos, a sociedade e os governantes sobre essa síndrome que afeta esses profissionais.

Palavras-chave: Mal-estar docente; Saúde; Valorização profissional.

Abstract: Teacher malaise is characterized by the sickness of teachers, as result of the negative character of elements that affect their personalities, on the workplace. The present research had as general objective to investigative how the teachers of the 6th to 9th years of a Public School of Paranaíta-MT conceive their working conditions and the impact of these on their own health. The research was developed in the period from February to November of 2018; we used the inductive, descriptive and field methods, and the data collection was performed by means of a questionnaire. All the teachers approached affirmed that the continued formation of the school was of relevance and one of them pointed out that it does not contemplate questions related to the final years of the Elementary School. Two of the respondents declared that they cry a lot and that they medicate to

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Alta Floresta (FAF). E-mail: eunicebritodesouza6@gmail.com

² Mestre em Educação (UFMT); Doutoranda em Ambiente e Desenvolvimento (UNIVATES); Professora da Faculdade de Alta Floresta (FAF) e da Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF); Formadora do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO) de Alta Floresta – MT; E-mail: marilaineacasstro@hotmail.com

³ Mestrando em Educação (Universidade Del Sol - Unades- San Lorenzo - Paraguay). Professor da Faculdade de Alta Floresta (FAF) e da Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF); Professor concursado da Educação Básica (Seduc -MT), Alta Floresta – MT; E-mail: chaves_sidney@hotmail.com

continued working. Three of the respondents knew what teacher malaise was and associated them with symptoms manifested in the health of both, such as voice limitations, headaches, anxiety and depression. The research showed that a democratic management, solidary and sensitive manages conflicts and perceives when the teachers are needing of pedagogical support and medical help, of form to reduce the pressures on the workplace. The results of this research may be relevant to strengthen the alert movement on teacher malaise, a syndrome that causes damage to teachers, students, education system and the society.

Keywords: Teacher malaise; Health; Professional appreciation.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos, assistiu-se a mudanças sociais profundas que repercutiram comportamentos, estilos de vida, atitudes e valores com impacto na vida escolar e na profissão docente (HERCKERT et. al.,2001). A evolução tecnológica e científica não têm garantido o mesmo progresso na educação, pois a formação deficiente dos professores, a desvalorização profissional, os baixos salários e condições laborais adversas são questões que comprometem os avanços esperados. Os desafios colocados pela sociedade atual são cada vez mais exigentes, o que se reflete nas políticas públicas de educação, a sistemática do trabalho escolar, nos problemas advindos das relações interpessoais e em todas as contradições que os professores enfrentam no exercício da docência.

Nesse cenário, o mal-estar docente vem atingindo cada vez mais pessoas em diversos setores da atividade humana e os profissionais da educação constituem uma das categorias atingidas por esse fenômeno nas últimas décadas. Por ler sobre o tema e conhecer profissionais de diversas áreas afetados pelo referido fenômeno, teve-se o interesse em buscar resposta para o seguinte problema de pesquisa: como os professores que lecionam do 1º ao 5º ano em uma Escola Municipal de Paranaíta concebem os impactos do ambiente de trabalho na própria saúde?

O objetivo geral delimitado consistiu em investigar como os professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Paranaíta percebem o impacto do ambiente do labor em suas situações de saúde. Os objetivos específicos traçados foram: i) identificar possíveis patologias dos pesquisados; ii) identificar as causas que os profissionais atribuem às suas patologias e

apresentar algumas alternativas que possam contribuir com o desenvolvimento e/ou fortalecimento do bem-estar docente.

A pesquisa ocorreu no período de fevereiro a novembro de 2018, sob a abordagem da pesquisa qualitativa segundo Creswell (2010) e a coleta de dados desenvolvida por intermédio de questionário. Este trabalho se justificou pelo fato de tratar de uma patologia que tem atingido a vida de vários profissionais da educação nas últimas décadas e acarretado prejuízo para professores, alunos, sistema de ensino e a sociedade em geral. Assim, seus resultados poderão servir para fortalecer o movimento de alerta e de sensibilização frente à necessidade de conferir maior dignidade ao trabalho docente.

2 METODOLOGIA

O corpus da pesquisa envolveu professores que atuam numa Escola Municipal, localizada no município de Paranaíta – MT. Nela estudam cerca de 800 alunos e trabalham 90 funcionários, entre professores, apoio administrativo e técnicos. Destes profissionais, 20 (vinte) atuam como docentes do 1º ao 5º ano, sendo esses os selecionados para a pesquisa.

A coleta de dados deu-se por questionário constituído por questões abertas, que foram aplicadas no período de fevereiro a novembro de 2018, sob a abordagem qualitativa segundo Creswell (2010).

Para Creswell (2010), na pesquisa qualitativa o ambiente natural é fonte direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento de coleta. Quanto aos dados coletados sob esta abordagem, esses são ricos em descrições, situações e acontecimentos. O

processo é importante que o produto. Já o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. No entender do Autor, a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

3 EMBASAMENTO TEÓRICO

O fenômeno intitulado de mal-estar docente tem ganhado espaço nas universidades, onde diversas dissertações e teses tratam do assunto. Também tem sido destaque em livros, artigos, eventos científicos onde se debatem a necessidade de políticas e ações voltadas para a saúde dos professores. Entretanto, destaca-se que essas discussões ainda são pouco abordadas nas escolas e pelos sistemas de ensino. A fundamentação teórica da pesquisa sobre os impactos das condições de trabalho dos professores do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Paranaíta em suas próprias saúde é constituída por: conceituação do fenômeno mal-estar docente; as causas e sintomas do mal-estar docente e possíveis alternativas que podem favorecer o bem-estar docente.

3.1 CONCEITO, CAUSAS E SINTOMAS DO MAL-ESTAR DOCENTE

Nóvoa (1995, p. 2) afirma que: “atualmente as pessoas e as organizações lidam com níveis de mudanças sem precedentes em seus locais de trabalho”. A constante evolução pelas quais a sociedade passa sem conseguir acompanhá-la e as incertezas do futuro e o despreparo para a chegada deste corroboram para o adoecimento de muitos docentes. Além disso, as competências nos cenários atuais, para reagir em diversas situações encontradas no cotidiano, tem causado pressão constante nos professores que, muitas vezes, sofrem para se adaptar e criar uma rotina para desenvolver o processo ensino-aprendizagem. Esses profissionais sentem desconforto para enfrentar as dificuldades impostas pelas mudanças em questão, que têm levado um contingente cada vez maior desses profissionais a sucumbirem ao implacável mal-estar docente ou burnout.

Segundo Codo (1999), a síndrome de Burnout é entendida como um conceito multidimensional que envolve três componentes: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho. A exaustão emocional é caracterizada por situações em que os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si a nível afetivo. Nela, o indivíduo afetado pela síndrome em questão, percebe-se esgotado de energia e dos recursos emocionais próprios, devido ao contato diário com o problema. Já a despersonalização trata-se do desenvolvimento de sintomas e atitudes negativas e de cinismo às pessoas destinatárias do trabalho (usuário/clientes); endurecimento afetivo e coisificação da relação. Quanto a falta de envolvimento pessoal no trabalho, esta evolui negativamente e afeta a habilidade para realização da função e o atendimento de pessoas usuárias do trabalho.

Salienta-se os indivíduos possuem maneiras diferentes de reação diante de determinadas situações. Sobre o impacto do exercício profissional, na personalidade dos educadores, Esteve (1991) esclarece que há professores que aceitam positivamente a ideia das mudanças sociais. Esses procuram se ajustar ao sistema, sem conceberem o processo como agressão. Por outro lado, existem os que convivem mal com as mudanças por isso revelam níveis de ansiedade significativos face ao desconhecido. Esse autor ainda menciona que tal grupo suporta as mudanças, porque não pode se opor, mas continua a fazer o que sempre fez. Há também docentes que apresentam sentimentos contraditórios, esses passam pelo processo de ansiedade e ficam perdido entre o novo e o antigo. Por último, encontram-se educadores com outro perfil, que revelam medo de mudança. Esse grupo possui formação deficiente e vive entre a instabilidade e a insegurança. Para Esteves (1991) isso devido à diversidade de percepção, pois cada ser desenvolve em sua carreira os resultados que essas mudanças implicam.

A avalanche de incumbências colocadas sobre os professores é maior que a resiliências que esses docentes têm de resistir sem se deformarem física e emocionalmente. Assim, muitos desistem da profissão. Essa renúncia pode ser real ou velada. Quando o educador

passa por uma situação desgastante e procura outra profissão, suas condições de saúde podem melhorar devido ao fato de o novo ambiente fazer com que o sujeito se sinta realizado e em paz. Por outro lado, há casos em que o profissional se sente impotente e desiste de lutar, assumindo uma desistência emocional, e se mantém na profissão de forma apática. Essa decisão o faz ter uma postura introvertida, triste, descrente de dias melhores, com a estima baixa e o conduz cada vez mais distante dos alunos e dos colegas.

O sentimento de impotência e exaustão são algumas das manifestações do mal-estar docente, produzidas pela falta de apoio da sociedade, tanto no terreno dos objetivos do ensino, quanto das recompensas materiais e no reconhecimento de status que são atribuídos a esses profissionais, conforme Esteve (1999) esclarece. Ainda de acordo com o autor, as exigências cotidianas sugam as energias dos professores no desdobramento de suas funções. Para Lipp (2002), esse nível de estresse se agrava frequentemente levando também muitos trabalhadores ao absentismo trabalhista.

Constata-se nos ambientes escolares um número crescente de professores que são afastados de sua função devido ao mal-estar docente. Esses profissionais, na maioria das vezes, antes de serem afastados, trabalham por muito tempo de forma inadequada. Como consequência, desenvolvem seu trabalho nos altos e baixos e de acordo com o que seu quadro clínico permite. Tais educadores fazem uma jornada longa e exaustiva, que se estende até suas casas. Levam para suas casas tarefas que não conseguem fazer ou finalizar na escola. Desenvolvem atividades fora da carga hora de trabalho remunerada. Além disso, ocupam-se das funções familiares de modo que pouco tempo resta para descanso e lazer.

Toda essa carga incide sobre a ação do professor em sala de aula, que já vai trabalhar cansado da extensa jornada, provavelmente, sua função deixará a desejar, não por que ele queira, mas por não ter condição de fazê-lo (ESTEVE 1999). Os professores que passam por essas situações, podem tornar-se reféns de suas condições de trabalho, por não conseguirem obter os objetivos desejados e por

não dispor de apoio para prevenir ou combater as causas que os levam ao adoecimento.

Vários fatores são apontados por Esteve (1999), Codo (1999), Lipp (2002) como responsáveis pelo mal-estar docente entre professores: baixo salário, aumento exacerbado de função, competitividade e sistema massificado. Tudo isso que podem levar à diferente forma de reação e resultar consequências, segundo Esteve (1999), como : a) depressão, b) neurose, c) ansiedade.

O professor afetado pelo *burnout* se transforma na figura de um ser que vai se esvaindo no exercer da profissão, um farrapo humano cansado, com aspecto abatido. Desenvolve crises de ansiedade, choro, medo e angústia. O docente acometido de tantos sintomas, às vezes, não consegue identificar a patologia que está enfrentando e quando tem entendimento do que está acontecendo com sua saúde, nem sempre tem coragem de procurar ajuda, por medo de julgamentos preconceituosos e por não quererem deixar as suas funções.

O senso de responsabilidade se expressa com tanta intensidade que não são raras as vezes em que o professor vai procurar o tratamento médico ocorrendo somente quando de fato está diante de uma situação traumática que por algum motivo o impede de continuar, por exemplo: um problema súbito que ocorre quando o professor está em sala de aula e é levado ao hospital; um descontrole emocional que cause transtorno para a escola e que force o profissional a se cuidar; ou quando chega perde completamente as condições de convívio social. Esses exemplos são de situações vivenciadas em instituições de ensino no polo de Alta Floresta.

Resultados da investigação realizada por Esteve (1999) diz que o profissional é acometido por um sentimento de desconcerto e insatisfação face aos problemas das práticas docente, resultantes da contradição entre a realidade e a imagem ideal que os professores gostariam de realizar, gerando um desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação com o trabalho que realizam.

No intuito de fugir de situações conflituosas, inúmeros profissionais pedem transferência, outros utilizam o absenteísmo

como mecanismo para suportar a tensão acumulada. Em ambas as situações, as emoções negativas (ansiedade, stress, depressão e outras que traduzem o mal-estar, estão presentes.

As estatísticas de afastamento de professores devido ao estresse ou por estágios mais avançados de desgastes físico e mental, tal como a depressão são assustadores. As reclamações de professores da educação básica são sobre suas insatisfações, geralmente são as mesmas: precariedade dos recursos destinados aos trabalhos; a violência escolar e a indisciplina dos alunos; falta de apoio dos gestores, família e estudantes; e a pouca formação para enfrentar os problemas múltiplos que surgem no dia a dia, em sala de aula. A NOVA ESCOLA e o Ibope em 2017 fizeram pesquisa com 500 professores de redes públicas nas capitais brasileiras e mais da metade dos entrevistados se queixava de estresse (CAMILO, 2012).

José Manuel Esteves Zaragoza, da Universidade de Málaga, na Espanha, esclarece que o afastamento do trabalho é o primeiro mecanismo de defesa para aliviar a tensão que causam nervosismo e afetam a saúde. O estresse não afeta somente os professores brasileiros. Estudos internacionais apontam que docentes dos Estados Unidos, Espanha, Portugal, Austrália e outros países apontam o cansaço mental como consequência das dificuldades da profissão.

Por tudo isso, a classe docente precisa de socorro, para conseguir um bom desempenho no trabalho e serem encaminhados o mais rápido possível ao tratamento, caso sejam acometidos por esse fenômeno. Apesar da gravidade do mal-estar docente, existem professores que conseguem reagir se adaptando face às dificuldades profissionais trazidas pela mudança acelerada da sociedade e acabam desenvolvendo o bem-estar docente. Esse grupo aprende a conviverem com as exigências da profissão e mantém seu equilíbrio físico e mental sob controle.

3.2 POSSÍVEIS ALTERNATIVAS PARA FAVORECER O BEM-ESTAR DOCENTE

Partindo do conceito em geral, a noção do bem-estar docente traduz a motivação e a

realização do professor em virtude de um conjunto de competências, de resiliência, de estratégias desenvolvidas para conseguir fazer face às exigências e as dificuldades profissionais, ultrapassando-as e melhorando o seu desempenho (JESUS 2002).

Entende-se que o próprio educador pode investir em seu bem-estar, valendo-se de estratégias para superar os desafios do dia a dia da profissão e ampliando sua resiliência. O conceito de resiliência vem sendo entendido como: “processos que explicam a superação de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações” (YUNES 2003).

Dentre as estratégias possíveis para a diminuição do mal-estar docente, destacam-se a valorização da docência pela melhoria da distribuição dos recursos (SCHWARTZMAN; BROCK, 2005). Ao priorizar os recursos na Educação Básica, seria possível melhorar as condições de infraestrutura nas escolas públicas, aumentar o salário dos professores, diminuir a carga horária de trabalho semanal e fazer com que a profissão volte a ser valorizada. A questão salarial é fundamental para aumentar a qualidade de vida dos professores, uma vez que com salários dignos não precisariam se sobrecarregar de aulas e assim ter um melhor desempenho na educação.

Estudos desenvolvidos por Molina et. Al. (2017) indicaram que professores com mais de 25 alunos em sala de aula mostraram menor magnitude de bem-estar. O número de alunos por sala também esteve relacionado aos escores de *burnout* em pesquisas de Carlotto e Palazzo (2006). Por sua vez, Kidger et. al. (2016) analisaram em seus estudos que menor bem-estar estava associado com maior exigência de tarefas no contexto escolar.

Para Molina et. al. (2017), usualmente, a presença de transtornos mentais está associada a menor proporção de bem-estar e estratégias de enfrentamento das exigências laborais. Salientam ainda que é necessário buscar compreender os fatores de proteção à saúde dos trabalhadores, para pensar estratégias preventivas e protetivas, deve-se basear nas capacidades do próprio sujeito. Assim como os alunos, os professores precisam ser considerados em suas particularidades.

Quando o diretor e coordenadores pedagógicos assumem a liderança da equipe e

acompanham de perto o trabalho do professor, auxiliando em questões que o afligem, entre elas a violência e a indisciplina dos alunos, que são as causas que mais afetam a saúde deles, o ambiente escolar e a saúde de todos tendem a melhorar. Assembleias com as turmas, professores, gestão e família para buscar alternativas para problemas coletivos e a difusão da cultura de que cada um deve ser responsável pelo seu próprio aprendizado, é uma prática que favorece uma maior harmonia (CAMILO, 2012).

Outra ação importante é planejar as aulas de forma a atender o perfil da turma, mantendo os alunos ocupados, de forma colaborativa, com suas aprendizagens. Essa alternativa também pode diminuir o estresse do professor, visto que os alunos se envolvem nas atividades e produzem com responsabilidade. A formação continuada oferecida aos professores nas escolas precisa estar alinhada com essas questões. A reflexão da prática, do trabalho colaborativo, das metodologias ativas e das relações interpessoais devem estar presentes nesse processo formativo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussões foram analisados sobre os aspectos relacionados ao perfil dos pesquisados e a formação continuada que eles participam na escola. Levou-se, também, em consideração a satisfação na carreira docente e a percepção de como o ambiente escolar impacta na saúde desses profissionais.

4.1 PERFIL DOS PESQUISADOS

Nesta pesquisa, aplicou-se um questionário com 15 (quinze) questões abertas e fechadas para a coleta de dados de vinte professores que atuam do 1º ao 5º ano de uma Escola Municipal de Paranaíta, onde os pesquisados trabalham. Desses vinte profissionais, somente treze responderam.

Dos treze profissionais que responderam o questionário, oito são do sexo feminino, com idades entre 30 (trinta anos) e 57 (cinquenta e sete anos); três do sexo masculino, com idades entre 37 (vinte e sete) e 38 (trinta e oito anos); 1 (um) não respondeu à questão. Quanto à

idade, 1(um) estava na faixa etária de 20 (vinte) a 30 (trinta anos); 03 (três) estava na faixa etária de 30 (trinta) a 40 (quarenta) anos; 06 (seis) na faixa etária de 40 (quarenta) a 50 (cinquenta) anos e 2 (dois) estavam com idade acima dos 50 (cinquenta) anos.

Dentre os professores abordados, 06 (seis) possuem longa experiência na docência, visto que atuam na área, de 20 (vinte) a 30 (trinta) anos; 03 (três) deles estão aproximadamente no meio de suas carreiras, por se considerar que em média os professores trabalham de vinte e cinco a trinta anos para se aposentar; 3 (três) professores abordados estão em início de carreira e 1 (um) não respondeu à questão.

4.2 JORNADA DE TRABALHO SEMANAL DOS PESQUISADOS

Dos treze docentes pesquisados, apenas 3 (três) trabalham 40 (quarenta) horas semanais, sendo 30 (trinta) horas em sala de aula e 10 (dez) em horas atividades; os 10 (dez) que atuam 30 (trinta) horas semanais trabalham 20 (vinte) horas em sala e 10 (dez) horas em atividades diversas do universo escolar. A rotina do professor inclui planejamento, atendimento de forma individualizada dos alunos que requerem adaptações curriculares e/ou que apresentam dificuldades de aprendizagem, preenchimento de diários, reuniões pedagógicas, formação continuada e outras ações que recaem sobre seus ombros.

De acordo com os relatos, o que mais leva esses profissionais ao desgaste não é a carga horária semanal, e sim as condições gerais de trabalho que têm na instituição onde atuam. As atribuições docentes exigem muita energia dos educadores, desgastando-os tanto físico quanto mentalmente. Também existe o desgaste emocional causado pelos conflitos, pelas frustrações e pelo sentimento de impotência diante dos inúmeros desafios enfrentados.

A pesquisa apontou que mesmo quando retornam para suas casas, muitos professores vão carregados de trabalhos da escola para terminarem ou desenvolverem à noite, aos finais de semana e feriados. Revelou ainda que há profissionais que realizam tarefas

domésticas e cuidam dos filhos. Outro dado mostrado foi que há docentes que desenvolvem outras atividades profissionais para complementarem a renda familiar. Essa descrição permite deduzir ser difícil o professor ter uma boa qualidade de vida, vivenciando um contexto de trabalho tão atarefado.

Há discurso no contexto social que pregam a urgência de limitar o professor a trabalhar 8 (oito) horas por dia, eliminando a possibilidade de eles complementarem sua renda familiar. Mas para isso, há a necessidade de melhorar as condições de trabalho, garantir salário digno, propor investimento adequado na formação e segurança para esse profissional viver sem humilhação e sem risco de morte. Um discurso nessa perspectiva de reduzir a carga horária do professor, sem melhorar sua remuneração é vazio, pois cobra dedicação total do docente na escola onde atua sem oferecer compensação para que o docente possa sobreviver de forma digna; sem precisar se sobrecarregar de aulas e de outros trabalhos paralelos. Desde que se leve em consideração a melhoria da carreira docente, é necessário rever a carga horária de trabalho para garantir a qualidade da educação e a dignidade humana que esse profissional precisa para viver dignamente.

4.3 A FORMAÇÃO CONTINUADA

Em relação à formação continuada, pôde-se constatar que todos julgam esta é importante e demonstram interesse em participar dela. Todavia, uma das professoras abordadas, disse não estar satisfeita com o que lhes é oferecido, pois na maioria das vezes são somente teorias e fórmulas. Essa docente disse ansiar por algo mais objetivo, que realmente seja aplicado em sala e que tenha resultado. Os doze dos pesquisados que concebem a formação continuada da escola como uma atividade que contribui, afirmaram que esta constitui um momento de reflexão e aperfeiçoamento na busca constante de se manterem atualizados.

Quanto ao comentário da professora que estava insatisfeita com os estudos que a escola oferecia, Nóvoa (2009, p. 10) discute aspectos que vão ao encontro dessa insatisfação,

destacando que: “Muitos programas de formação continuada têm-se revelado inúteis, servindo apenas para complicar um cotidiano docente [...] fortemente exigente”. Assim, há docente que busca na formação continuada uma forma de melhorar seu desenvolvimento em sala e acaba se frustrando, pois, muitas vezes a formação é sobre o que eles já desenvolvem.

Imbernón (2010, p. 43) sugere que a formação continuada seja realizada para melhorar a prática e defende que esta deve propiciar aos seus participantes “refletir sobre a prática educacional, mediante análise da realidade do ensino, da leitura pausada, da troca de experiências”. Além disso, a prática dessa formação deve ser alinhada à realidade de cada escola e às Políticas Públicas de Educação com vistas a inovação e a qualidade do ensino.

A formação continuada na docência é um processo reflexivo do saber e da construção desse saber. Os professores devem compreender que a formação não pode ser entendida como ação de dar receitas prontas, e sim para ajudar no âmbito pedagógico de forma coletiva, contextualizada e interdisciplinar. Esse estudo é essencial para os docentes tanto para recém-formados quanto para veteranos, uma vez que devem relacionar a teoria com a prática. Os professores devem perceber na formação continuada a oportunidade e continuidade de sua formação profissional e de seu aprimoramento e inovação, dentro dos padrões exigidos na docência.

Imbernón (2010) ressalta a formação continuada como fomento do desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores, elevando seu trabalho para transformação de uma prática. Assim, a formação é de suma importância, tendo em vista que ajuda não somente esses profissionais, mas também os alunos.

Os professores precisam entender que a docência não é formada apenas de prática, embora esta seja muito relevante. É fundamental compreenderem que a teoria é o alicerce que sustenta e ajuda a compreender os diversos contextos do cotidiano e forma conhecimento para se buscar novas metodologias e assim auxiliar os alunos com

dificuldades de aprendizagem de forma prática. Nesse sentido, Pimenta (2005) defende que a atividade teórica por si só, não leva à transformação da realidade, não sendo, pois, práxis. Por outro lado, a prática também não fala por si mesma, ou seja, teoria e prática são indissociáveis como práxis.

Os doze pesquisados que conceberam a formação oferecida pela escola como importante justificaram em consonância com muitos estudiosos sobre o assunto, dentre eles Nóvoa (2009) Imbernón (2010) e Pimenta (2005).

4.4 SATISFAÇÃO DOS PESQUISADOS NA CARREIRA DOCENTE

No tocante a experiência profissional, quando questionados sobre a realização no desenvolvimento de seu papel como educador, mais da metade dos professores pesquisados responderam que, às vezes, sentem que não alcançaram seus objetivos, que apesar das aulas preparadas, o que afeta o ritmo das aulas é o comportamento dos alunos. Alguns se sentem incapazes, pois possuem alunos com histórias que chocam e acabam levando-os a perderem o interesse pela aprendizagem.

Dois dos professores disseram sentir-se realizados. Mencionaram que quando o trabalho é feito com amor, dando o melhor de si, no final do bimestre ou do ano, sempre é possível ver o resultado. Três dos pesquisados estão satisfeitos, pois fazem o que gostam e lutaram muito para desenvolver este papel. Contudo, dois professores, um com quarenta e sete anos de profissão e outro com vinte e dois, disseram que como professor sentem-se realizados, mas não como profissional. Alegaram a desvalorização da categoria e disseram ter pensado várias vezes em desistir da carreira docente, devido a falta de apoio dos governantes e das famílias.

Outro pesquisado, com trinta e seis anos de idade e catorze de carreira, disse não se sentir realizado. Relatou ter pensado em desistir da profissão devido a falha do sistema. Mencionou ver tantas coisas errada e não poder fazer nada. Isso denota que insucesso leva muitos professores ao desespero. De todos que responderam ao questionário nenhum admitiu já ter chorado por motivo diretamente ligado

ao trabalho, mas sete confirmaram já terem se afastado da escola por atestado médico, devido ao desgaste da profissão, e que aconteceu por mais de uma vez.

4.5 A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE NA QUALIDADE DE VIDA DO PROFESSOR

Segundo Paro (2010), a gestão escolar deve se responsabilizar pela Instituição e sua eficiência. Nesse sentido, o gestor deve ter como uma de suas metas a promoção do bem-estar docente. Quando os professores percebem que são apoiados, conseguem se desenvolver melhor, pois sentem-se respaldados. Para Marches (2008, p. 55):

A liderança do diretor é, possivelmente, uma das dimensões que mais influenciam na situação dos professores. Sua capacidade para elaborar um projeto coletivo, para evitar conflitos, negociar soluções e para criar uma cultura que facilite o trabalho docente é um elemento fundamental nessa atividade profissional. O abandono dessas funções aumenta a tendência ao conflito e favorece o mal-estar.

O gestor poderá desenvolver atividades coletivas no sentido de promover maior afinidade entre eles, evitando discriminação e competitividade. O relacionamento positivo entre a equipe, gera solidariedade, favorece o apoio mútuo e diminui a insatisfação.

O espaço escolar precisa ser conduzido por diretores que agem realmente como gestores pedagógicos, que façam acompanhamento contínuo no desenvolvimento dos professores, que consigam observar e auxiliar o profissional quando este necessita. O clima de hostilidade e competição entre os professores fazem com que mesmo que algum deles não esteja bem, não procurará ajuda, por temer não ser apoiado e compreendido. Todos os pesquisados revelaram existir companheirismo entre eles, que os gestores apoiam e se preocupam com todos, sempre oferecendo suporte uns para os outros.

Quando há respeito e generosidade entre uma equipe, isso tende a tornar o ambiente mais agradável, o que ajuda no desenvolvimento das tarefas e alivia a tensão sofrida na sala de aula. O trabalho docente é uma atividade que fica muito tempo em pé,

anda e faz uso excessivo da voz, além da convivência com fluxo de crianças indisciplinadas e sem compromisso. Alguns professores acreditam que o ambiente influencia no desenvolvimento de possível mal-estar; outros se sentem imunes por saber diferenciar o profissional do pessoal e por ter boa convivência em equipe e praticar exercícios físicos para relaxar.

Em diversos momentos da vida, o profissional docente convive com situações que pode levá-lo ao processo de mal-estar docente devido a desvalorização dos pais dos alunos, dos alunos e dos governantes; somando-se a isso ainda há o baixo salário, responsabilidade da profissão, a burocratização excessiva e o pouco reconhecimento social.

Quando questionados sobre a definição o significado de burnout, três revelaram que nunca ouviram falar; oito deles responderam sem especificar bem o que seria o mal-estar docente. Por dedução, disseram que devia se tratar de um problema que afeta a categoria. A pesquisa mostrou que esses professores nunca buscaram se informar sobre o assunto, suas causas e consequências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos pesquisados afirmaram que já passaram por frustrações diversas no ambiente de trabalho e de forma mais indireta que direta. Explicitaram que a falta de apoio dos pais dos alunos e dos governantes para realizarem um trabalho de melhor qualidade, bem como os desgastes com os afazeres da profissão os levaram ao afastamento para tratamentos médicos.

Seis dos pesquisados, veteranos e um em início de carreira, destacaram que gostariam e poderiam desenvolver mais ações com os alunos, contudo a indisciplina de muitos compromete e prejudica a sala inteira.

Foi possível constatar que os professores fazem uma pequena associação entre as condições de trabalho e a saúde, visto que todos responderam nunca terem chorado, mas sete admitiram já terem se afastado da sala de aula com atestado médico. Cinco mencionaram, em suas respostas, que o tempo excessivo em que o educador fica de pé, o uso

contínuo da voz, o fluxo de crianças, a indisciplina e a falta de compromisso dos alunos causam desgastes físicos e mentais, bem como dores articulares, cansaço e insônia. Esses relatos evidenciam que há um desgaste emocional que interfere na vida profissional e particular dos professores.

Os pesquisados afirmaram que a gestão escolar é democrática e que os gestores mantêm uma boa convivência com os colegas, contudo ainda estão precisando de outros apoios para reduzirem a tensão gerada pelo trabalho, apontaram que é urgente a obtenção de um ambiente tranquilo e harmonioso, que segundo esse docentes é condição primordial para se prevenir o mal-estar docente e formar o bem-estar docente.

REFERÊNCIAS

CAMILO, Camila. Estresse Estresse: como lidar com o problema que mais afasta professores da sala de aula. **Revista Escola**. jun./2012. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/219/estresse-afasta-professores-vida-saudavel>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

CARLOTTO, M.S.; Palazzo, L.S. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 5, p. 1017-26, 2006.

CODO, Wanderley. **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CRESWELL, J. W. **Projetos de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Tradução Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ESTEVE, José M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e saúde dos professores. Bauru: Educs, 1999.

ESTEVE, J. M. **Mudanças sociais e função docente**. In. A. Nóvoa. Profissão Professor_ (pp.93-124). Porto: Porto Editora, 1991. pp. 93-124

_____. **O mal-estar docente:** a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 1999.

KIDGER, J.; BROCKMAN, R.; TILLING, K.; CAMPBELL, R.; FORD, T.; ARAYA, R. et al. Teachers' wellbeing and depressive symptoms, and associated risk factors: a large cross sectional study in english secondary schools. **J Affect Disord.**, n. 192, p.76-82, 2016.

LIPP, Marilda Novaes (org.). **O stress do professor.** Campinas, SP: Papirus, 2002.

MOLINA, Mariane Lopez; FIALHO, Amanda Rodrigues; AMARAM, Paulinia Leal do; BACH, Suelen de Lima; ROCHA, Luise Marques da; SOUZA, Luciano Dias de Mattos. Bem-estar e fatores associados em professores do ensino fundamental no sul do Brasil. **Revista CEFAC**, v. 19, n. 6, p.812-820, 2017.

SCHWARTZMAN, Simon; BROCK, Colin (org.). **Os desafios da educação no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 200